

Marvão

estudos e documentos

de apoio à candidatura a *Património Mundial*

Jorge de Oliveira
(Ed.)

ابن مروان
IBN MARUÂN
Revista Cultural do Concelho de Marvão


Edições Colibri

MUNICÍPIO DE
 MARVÃO

Biblioteca Nacional de Portugal
– Catalogação na Publicação

MARVÃO, ESTUDOS E DOCUMENTOS DE APOIO
À CANDIDATURA A PATRIMÓNIO MUNDIAL

Marvão, estudos e documentos de apoio à candidatura
a património mundial / ed. Jorge de Oliveira.
– (Extra-colecção)

ISBN 978-989-689-404-7

I – OLIVEIRA, Jorge Forte de, 1956-

CDU 908

Título: Marvão, estudos e documentos de apoio
à candidatura a *Património Mundial*

Editor: Jorge de Oliveira

Revisão de texto: Maria Fernanda Araújo

Impressão: Colibri, Artes Gráficas, Lda.

Design: Veludo Azul – Audiovisuais e Comunicação Lda.

Paginação: João José Bica

Edição: Edições Colibri / Câmara Municipal de Marvão

Propriedade: Município de Marvão

Data da Edição: Junho de 2014

Tiragem: 750 Exemplares

Depósito Legal: 374 467/14

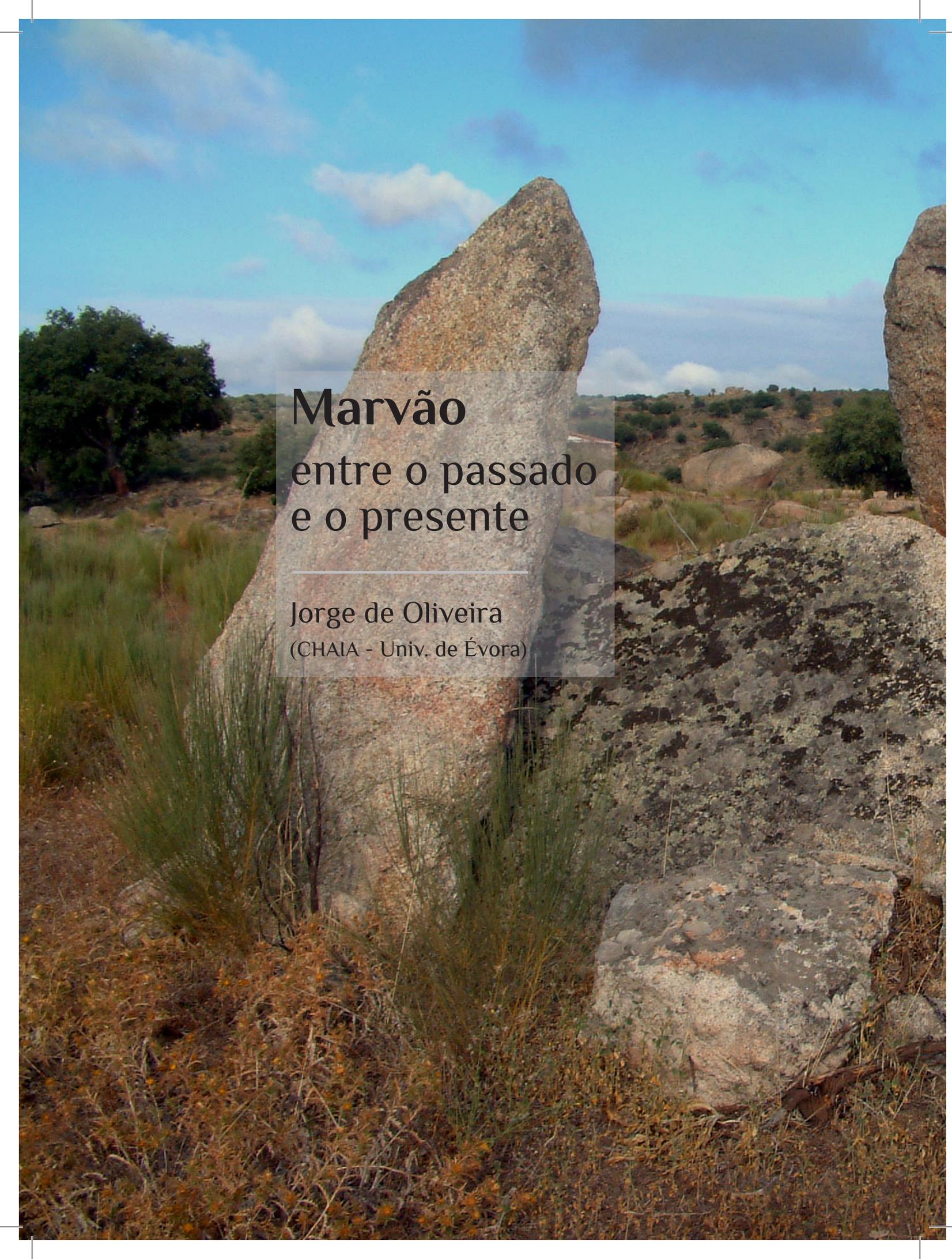
ابن مروان
IBN MARUÃO
Revista Cultural do Concelho de Marvão

MUNICÍPIO DE
MARVÃO

É proibida a reprodução total ou parcial sem o consentimento dos autores

Índice

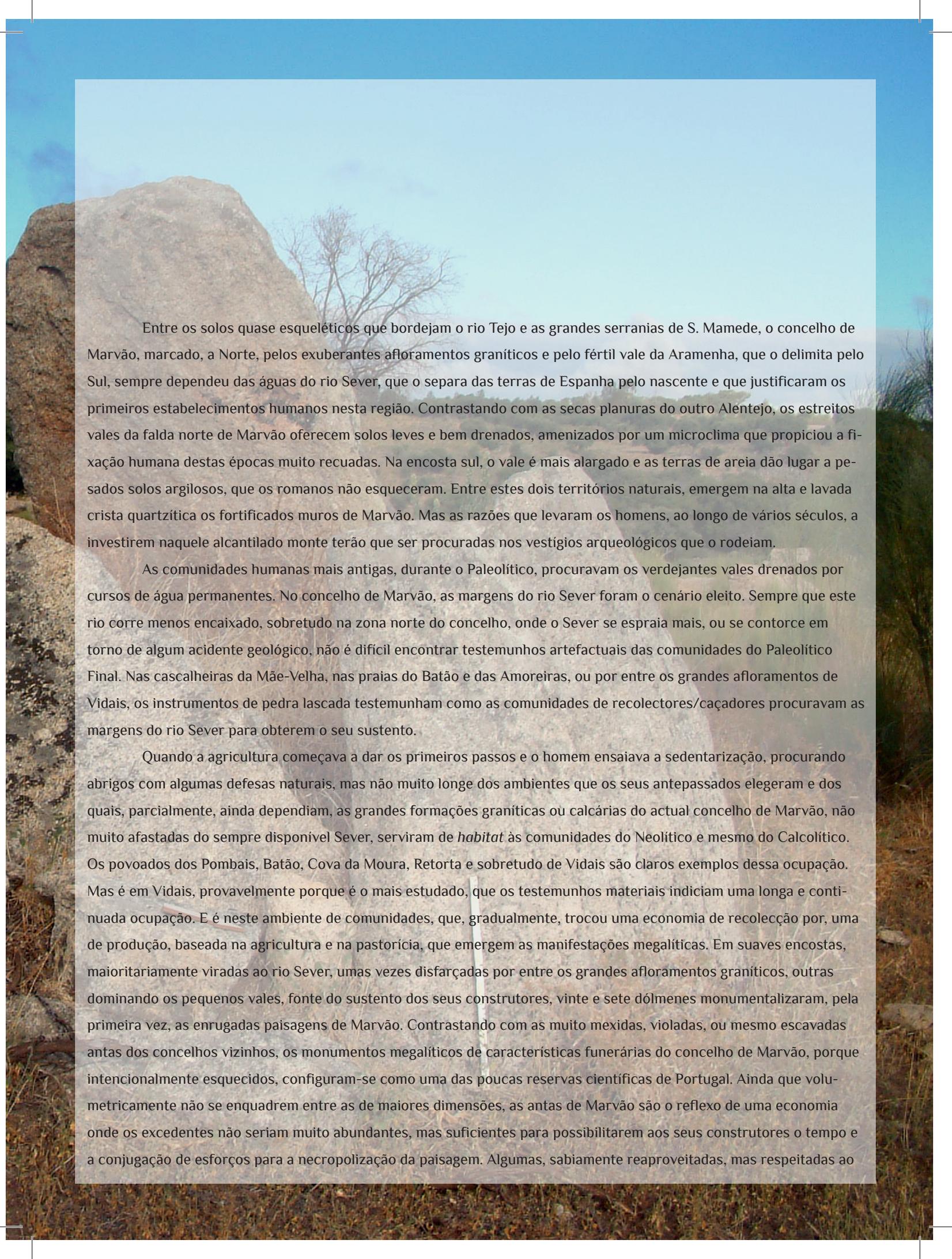
Ficha Técnica	7	
Nota Prévia	8	Jorge de Oliveira
Prólogo	11	José Manuel Pires
Marvão, the outstanding cultural landscape	14	Ray Bondim
Marvão, da terra ao Homem	24	José Mirão
Marvão, flora e vegetação	36	João Castro Antunes
Vertebrados do concelho de Marvão	72	António Mira
Marvão, paisagem	78	Nuno Lecoq
Marvão, entre o passado e o presente	96	Jorge de Oliveira
Marvão, valor de pasado	122	P. Bueno Ramirez de R. Balbin B.
Percepciones e ideas sobre Marvão por parte de un español en los inicios del s. XXI	138	Juan Javier Enriques
Entre os “canchos” e o vale	150	André Carneiro
Marvão, Arqueologia e História	166	Vasco Gil Cruz Soares Mantas
De centro a fronteira Marvão e o Reino Português (sécs. XII-XV)	184	Hermíma Vasconcelos Vilar
Marvão, uma vila guardiã da fronteira (sécs. XVI-XVIII)	202	Fernanda Olival
Marvão, a arquitectura	232	João Lino
Marvão, notas para uma candidatura	244	Jorge Gaspar
Marvão, os limites da candidatura a Património Mundial	252	Nuno Lecoq Jorge de Oliveira José Mirão
Marvão, Paisagem Cultural	260	Francisco Ramos

A tall, pointed rock formation stands prominently in a landscape of dry grass and scattered rocks under a blue sky with light clouds. The rock has a rough, textured surface and a sharp, triangular peak. The surrounding terrain is a mix of green and brown grasses, with other smaller rock formations visible in the distance.

Marvão

entre o passado
e o presente

Jorge de Oliveira
(CHAIA - Univ. de Évora)



Entre os solos quase esqueléticos que bordejam o rio Tejo e as grandes serranias de S. Mamede, o concelho de Marvão, marcado, a Norte, pelos exuberantes afloramentos graníticos e pelo fértil vale da Aramenha, que o delimita pelo Sul, sempre dependeu das águas do rio Sever, que o separa das terras de Espanha pelo nascente e que justificaram os primeiros estabelecimentos humanos nesta região. Contrastando com as secas planuras do outro Alentejo, os estreitos vales da falda norte de Marvão oferecem solos leves e bem drenados, amenizados por um microclima que propiciou a fixação humana destas épocas muito recuadas. Na encosta sul, o vale é mais alargado e as terras de areia dão lugar a pesados solos argilosos, que os romanos não esqueceram. Entre estes dois territórios naturais, emergem na alta e lavada crista quartzítica os fortificados muros de Marvão. Mas as razões que levaram os homens, ao longo de vários séculos, a investirem naquele alcantilado monte terão que ser procuradas nos vestígios arqueológicos que o rodeiam.

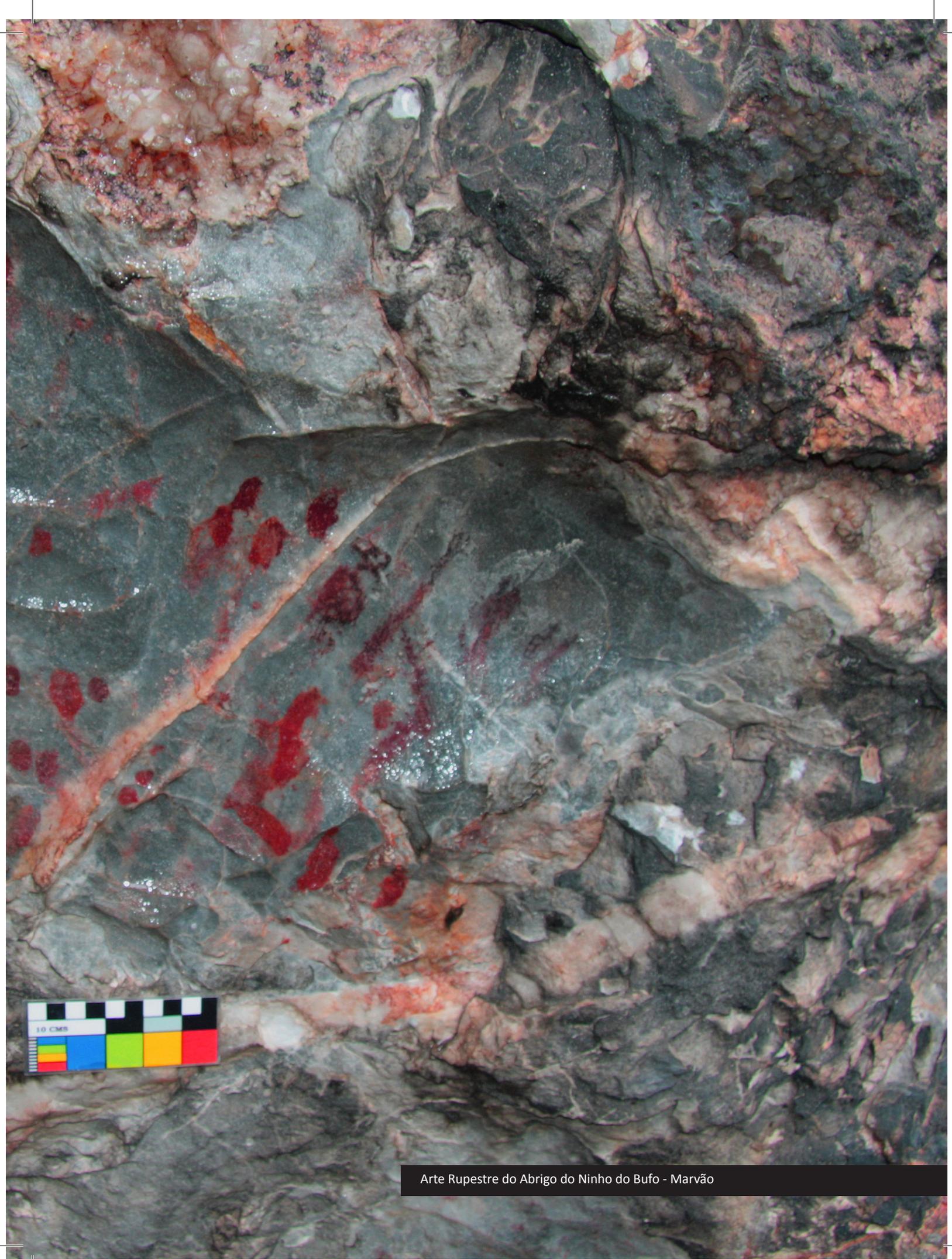
As comunidades humanas mais antigas, durante o Paleolítico, procuravam os verdejantes vales drenados por cursos de água permanentes. No concelho de Marvão, as margens do rio Sever foram o cenário eleito. Sempre que este rio corre menos encaixado, sobretudo na zona norte do concelho, onde o Sever se espria mais, ou se contorce em torno de algum acidente geológico, não é difícil encontrar testemunhos artefactuais das comunidades do Paleolítico Final. Nas cascalheiras da Mãe-Velha, nas praias do Batão e das Amoreiras, ou por entre os grandes afloramentos de Vidais, os instrumentos de pedra lascada testemunham como as comunidades de recolectores/caçadores procuravam as margens do rio Sever para obterem o seu sustento.

Quando a agricultura começava a dar os primeiros passos e o homem ensaiava a sedentarização, procurando abrigos com algumas defesas naturais, mas não muito longe dos ambientes que os seus antepassados elegeram e dos quais, parcialmente, ainda dependiam, as grandes formações graníticas ou calcárias do actual concelho de Marvão, não muito afastadas do sempre disponível Sever, serviram de *habitat* às comunidades do Neolítico e mesmo do Calcolítico. Os povoados dos Pombais, Batão, Cova da Moura, Retorta e sobretudo de Vidais são claros exemplos dessa ocupação. Mas é em Vidais, provavelmente porque é o mais estudado, que os testemunhos materiais indiciam uma longa e continuada ocupação. E é neste ambiente de comunidades, que, gradualmente, trocou uma economia de recollecção por, uma de produção, baseada na agricultura e na pastorícia, que emergem as manifestações megalíticas. Em suaves encostas, maioritariamente viradas ao rio Sever, umas vezes disfarçadas por entre os grandes afloramentos graníticos, outras dominando os pequenos vales, fonte do sustento dos seus construtores, vinte e sete dólmenes monumentalizaram, pela primeira vez, as enrugadas paisagens de Marvão. Contrastando com as muito mexidas, violadas, ou mesmo escavadas antas dos concelhos vizinhos, os monumentos megalíticos de características funerárias do concelho de Marvão, porque intencionalmente esquecidos, configuram-se como uma das poucas reservas científicas de Portugal. Ainda que volumetricamente não se enquadrem entre as de maiores dimensões, as antas de Marvão são o reflexo de uma economia onde os excedentes não seriam muito abundantes, mas suficientes para possibilitarem aos seus construtores o tempo e a conjugação de esforços para a necropolização da paisagem. Algumas, sabiamente reaproveitadas, mas respeitadas ao

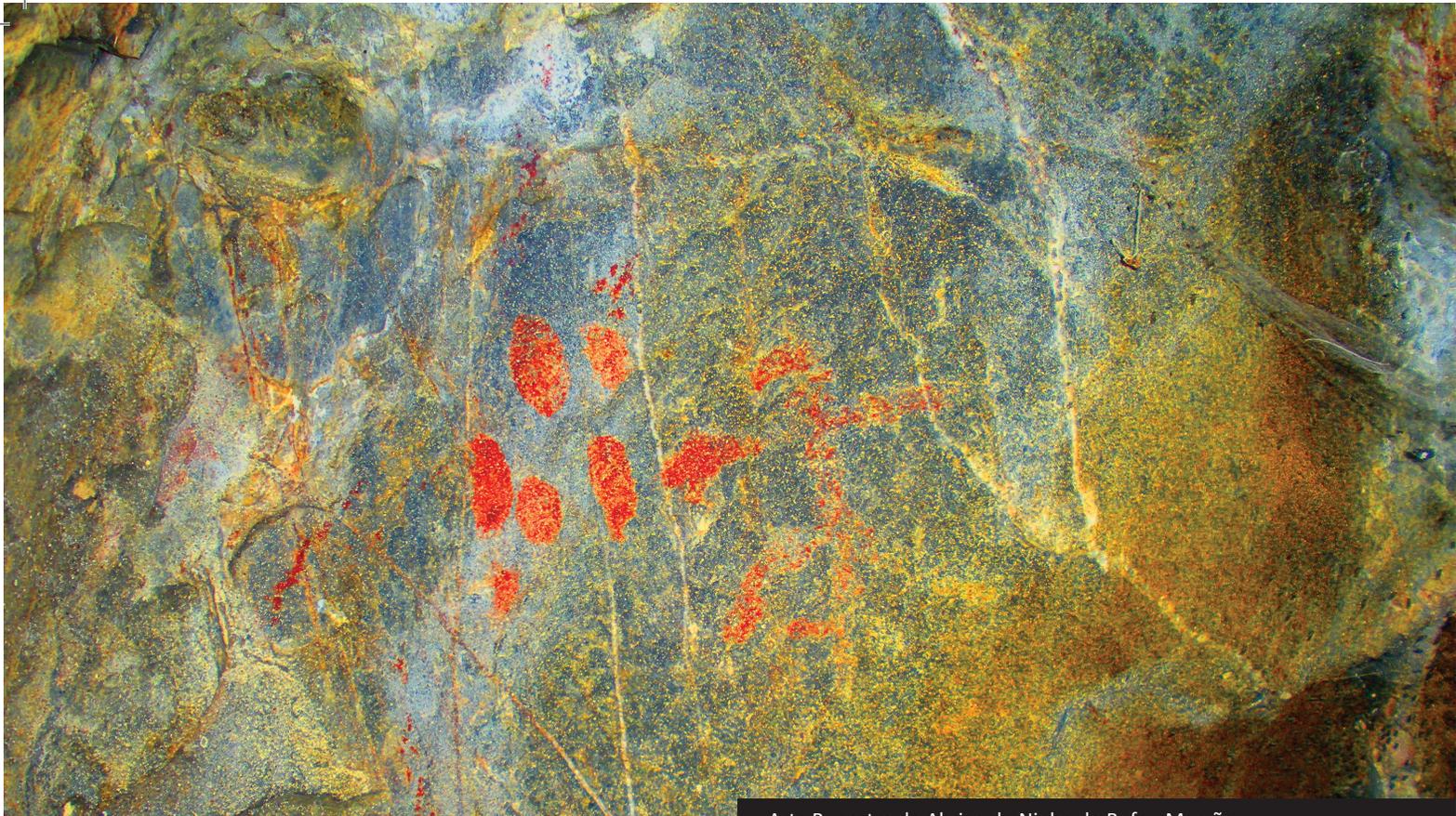
longo dos milénios, chegaram até nós inseridas em estruturas agrícolas. Desses longínquos 3.º e 4.º milénios antes de Cristo conhecem-se, na área do concelho de Marvão, para além de vinte e sete antas, três menires. Destes, dois conservam-se *in situ*, parte de um terceiro guarda-se no Museu Municipal. Os setenta centímetros do menir da Água da Cuba, provavelmente o de menores dimensões até agora identificado, contrasta com o dos Pombais, talhado directamente num afloramento natural, cuja altura ultrapassa os três metros. É também neste contexto cronológico e cultural, de largo espectro, que teremos que compreender as pinturas rupestres, maioritariamente esquemáticas que já se detetaram nas cristas quartzíticas do concelho. As primeiras a serem identificadas localizam-se num estreito abrigo junto ao Ninho do Bufo, na zona do Porto Roque. Recentemente, sob as muralhas da fortaleza de Marvão, a escassos metros da Igreja de Santiago, em parede quartzítica debruçada sobre a Portagem, mais painéis com arte rupestre esquemática mostram-nos que este imponente marco natural não passou despercebido às primeiras comunidades humanas que por aqui ensaiavam a domesticação da terra e dos animais.

Quando as influências orientalizantes se começam a fazer sentir mais e a metalurgia desponta nesta zona do Alentejo, as comunidades que até aí se estabeleciam em *habitats* de pouca altitude procuram agora cotas mais altas e naturalmente protegidas e o concelho de Marvão não foge a esta regra. Os *habitats* sobranceiros ao rio Sever são abandonados e os cumes dos cerros começam a ser fortificados. Desde os finais do Calcolítico até à chegada dos Romanos, pontos estratégicos das principais linhas de cumeada passam a ser espaços de vivência humana. O castelo de Vidago, o do Corregedor e o da Crença testemunham essas épocas conturbadas que se viveram nas imediações de Marvão. Uma, ou mais linhas de muralhas, envolvem estes *habitats*. Casas quadrangulares, ou redondas, outrora, provavelmente, cobertas por giestas anexam-se umas às outras, aproveitando da melhor forma o pouco espaço que as muralhas protegiam.





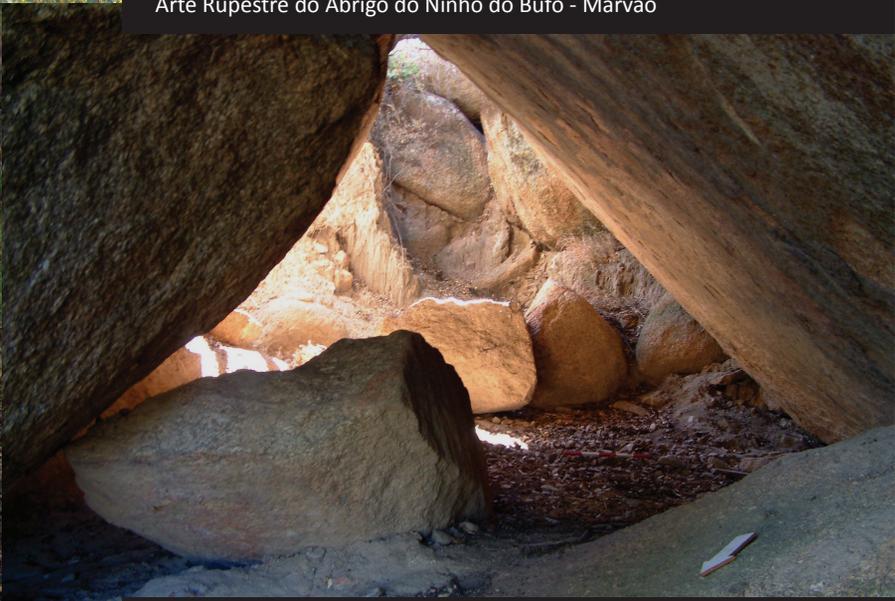
Arte Rupestre do Abrigo do Ninho do Bufo - Marvão



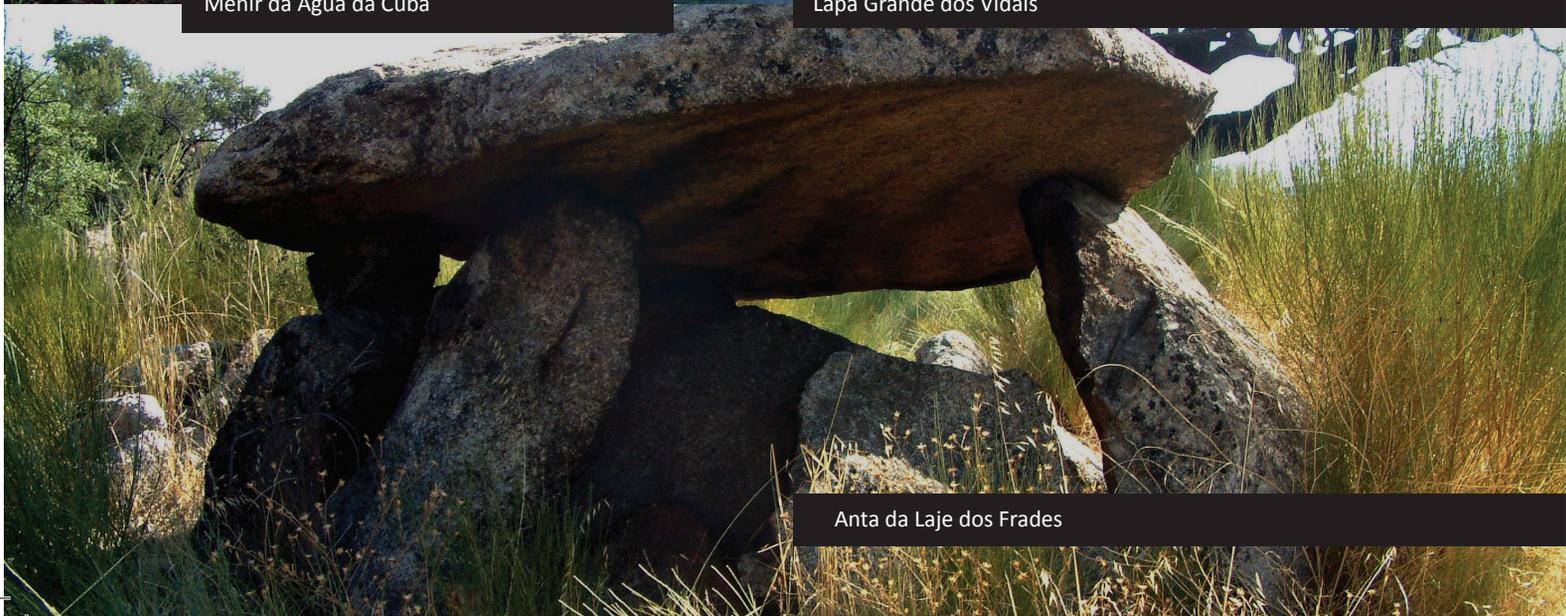
Arte Rupestre do Abrigo do Ninho do Bufo - Marvão



Menir da Água da Cuba



Lapa Grande dos Vidais



Anta da Laje dos Frades

A crista quartzítica que sustenta Marvão parece inserir-se neste tipo de estratégia que as comunidades, sobretudo as da segunda Idade do Ferro, adoptaram, tanto na área do concelho de Marvão, como em toda a serra de S. Mamede.

Com a chegada dos Romanos, outra página começa, ser escrita nas terras de Marvão. As comunidades que sobreviviam nos alcantilados montes descem de novo aos vales. Mais pela força das armas do que por vontade própria, como os vestígios arqueológicos bem o demonstram no castelo de Vidago, os *habitats* fortificados da Idade do Ferro sucumbem e as terras com melhor aptidão agrícola começam a ser intensamente exploradas. Várias *villae* e casais agrícolas redesenham a paisagem de Marvão. Porto da Espada, Pombais, Pereiro, Vale do Cano, Amoreiras, Escusa, Garreancho, entre outros de menor dimensão, são locais ocupados por explorações agrícolas romanas. Faustosas casas revestidas por mosaicos, amplos armazéns, moinhos e termas assinalam a riqueza que os romanos souberam retirar dos solos agora por eles ocupados. No vale da Aramenha, em terras pesadas e férteis e onde a água abunda, pelos inícios do século I, os Romanos instalam uma nova cidade. Ammaia se chamava. Mais do que um grande centro cosmopolita, reconhece-se hoje que Ammaia terá sido uma cidade de lazer, satélite da grande Mérida. Aqui, construíram os emeritenses as suas casas de veraneio. Para aqui acorreriam os romanos endinheirados nos implacáveis estios, em busca da sombra e da água, que a grande cidade do interior não propiciava. Aqui, na Ammaia, bordejada pelo rio Sever e abastecida por, pelo menos, três nascentes que os Romanos souberam conduzir até ao centro da cidade, assistiam a espectáculos teatrais, tendo como cenário o brutal acidente que sustenta hoje Marvão. Os influentes e poderosos togados que veraneavam em Ammaia rapidamente a transformam política e arquitectonicamente. Pouco tempo depois da sua fundação, ao tempo de Cláudio, recebe a categoria de *Civitas*, alguns anos depois, já com Nero senhor de Roma, ascende a *Municipium*. Paralelamente, e por força do seu prestígio e categoria, a Ammaia, recentemente fundada, assiste à sua reorganização e embelezamento. Largas praças, faustosas portas, mais simbólicas que funcionais, um amplo *forum*, no centro do qual se eleva um templo ao culto imperial, corporizam a influência e poder dos seus habitantes. Sem expressas preocupações defensivas, porque a “paz romana” existia, sucumbe com a desorganização do império e a chegada dos bárbaros. Entre o século V e o IX, já em decadência, um provável cataclismo, eventualmente o galgamento de uma barragem que reforçaria o abastecimento de água à cidade, cobre sobretudo a parte baixa de Ammaia com um mar de lama e pedras, arrastadas pela força das águas incontroláveis. Apenas os muros mais altos e resistentes sobressaem do inesperado e rápido aterramento da cidade.

Com a decadência da estrutura política romana, assiste-se à pulverização da grande cidade e, em paralelo, a um enxameamento de pequenos núcleos habitacionais implantados em zonas bem disfarçadas na paisagem. A instabilidade que se vive desde o século V até, praticamente, à época da Reconquista Cristã terá contribuído para essa nova reorganização na ocupação do território do actual concelho de Marvão. Mais de uma vintena de pequenos núcleos, alguns rasgados por arruamentos, atribuíveis à Alta-Idade-Média, espalham-se, sobretudo, por entre os grandes afloramentos graníticos que marcam a paisagem das encostas envolventes de Marvão. Mas a grande formação quartzítica que sustenta Marvão parece não ter estado alheia a todos estes e outros episódios.

Porque até agora só se desenvolveram acções de arqueologia preventiva e de, acompanhamento no espaço urbano de Marvão, pouca informação se encontra disponível. Importa, assim, que se promovam estudos arqueológicos no interior e no exterior da fortificação que possam fornecer elementos que



ajudem a clarificar as fases mais recuadas de ocupação humana do cerro de Marvão. Parece ser a área envolvente da cisterna pequena aquela que, tanto pela documentação escrita, como pela lógica de ocupação humana da serra de S. Mamede, terá sido inicialmente humanizada.

Reconhece-se hoje como seguro que a mais antiga referência escrita relacionada com Marvão é a crónica de Isa Ibn Áhmad ar-Rázi, datável do século X, onde se lê: “... o Monte de Amaia, conhecido hoje por Amaia de Ibn Maruán, é um monte alto e inexpugnável, a leste da cidade de Amaia-das-Ruínas, situada sobre o Rio Sever”. Como nos diz o seu autor, nesse mesmo texto, provavelmente baseado em crónicas dos finais do século IX sobre as actividades bélicas de Ibn Maruán, existiria uma *Fortaleza de Ammaia-o-Monte*. Esta fortaleza de que fala a referida crónica poderia ser conotada com a torre árabe que se levanta sobre um dos torreões defensivos da porta nascente da cidade de Ammaia, contudo, nem as ruínas de Ammaia estão implantadas num monte, nem esta torre ofereceria a capacidade defensiva que Ibn Maruán procurava. O ambiente de conflitualidade gerado pelas manifestações autonómicas do muladi Ibn Maruán obrigá-lo-ia a procurar refúgios com capacidades defensivas que o vale da Ammaia não oferece. Parece, assim, claro que o monte sobranceiro ao Sever, nas imediações da *Amaia-das-Ruínas*, é o que hoje sustenta a vila de Marvão e que recebeu o nome daquele que aí mandou construir uma fortaleza nos finais do século IX. Pelo menos nessa data, e baseados, unicamente, na documentação escrita, poder-se-á afirmar que, no cerro de Marvão, foram levantadas estruturas defensivas. Contudo, se atendermos à estratégia de ocupação humana na serra de S. Mamede, verificamos que os cerros mais notáveis envolventes do maciço central e com largo domínio visual sobre os patamares envolventes, entre os quais se inscreve a actual vila de Marvão, todos possuem vestígios de ocupação atribuíveis à Idade do Ferro.

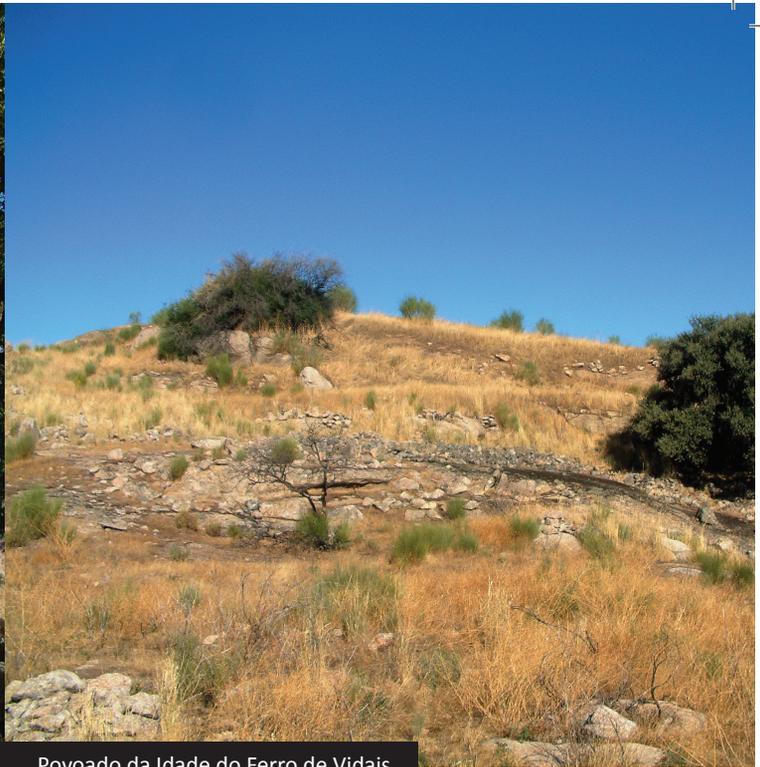
Embora não tenha ainda sido detectado qualquer testemunho arqueológico no cerro de Marvão relacionado com a Proto-História, não excluimos a hipótese de, no local de cota mais elevada, se ter erguido, em época anterior à fortificação de Ibn Maruán, algum *habitat* pré-romano, que terá sobrevivido até à romanização. Ainda que durante o domínio romano os vales férteis da serra de S. Mamede fossem preferencialmente procurados e nos solos argilosos de Aramenha se tivesse fundado a cidade de Ammaia, sem grandes preocupações defensivas, em períodos de maior instabilidade, as guarnições romanas procurariam, pelo menos, criar alguns pontos de atalaia para protecção da sua *civitas*. O cerro de Marvão configurava-se, nestas condições, como o local ideal para implantação de alguma estrutura militar. Se nenhuma edificação de tradição defensiva preexistisse, ao tempo de Ibn Maruán, no cerro onde veio a levantar a sua fortaleza, dificilmente se explicaria a opção por este lugar, considerando que nas imediações existem outras elevações que lhe garantiriam semelhantes defesas naturais e, ao mesmo tempo, a água necessária à sobrevivência, em caso de cerco. A resolução do problema de falta de água no inóspito afloramento quartzítico poderá ter sido solucionadas pelas gentes de Ibn Maruán, com a construção de alguma cisterna que recolhesse e conservasse a água da chuva. A pequena cisterna situada no interior do principal reduto defensivo de Marvão, junto à actual torre de menagem, poderá remontar as suas origens ao século IX, embora apresente claros sinais de trabalhos de reconfiguração na Idade Média.

Passados os períodos de maior instabilidade, marcados pela desagregação do império romano e pela chegada dos bárbaros, com o domínio islâmico, a paisagem humana do concelho de Marvão assiste a outra viragem. Gradualmente, os pequenos núcleos urbanos que se constituíram com a desorganização da estrutura romana começam a ser abandonados e as gentes afluem à nova fortificação fundada por Ibn Maruán.

Com a conquista e refortificação de Marvão, pelos cavaleiros da cristandade, assiste-se, então, ao gradual abandono da maior parte destes *habitats* da Alta-Idade-Média. Marvão terá chamado a si, nessa altura, as gentes que, de



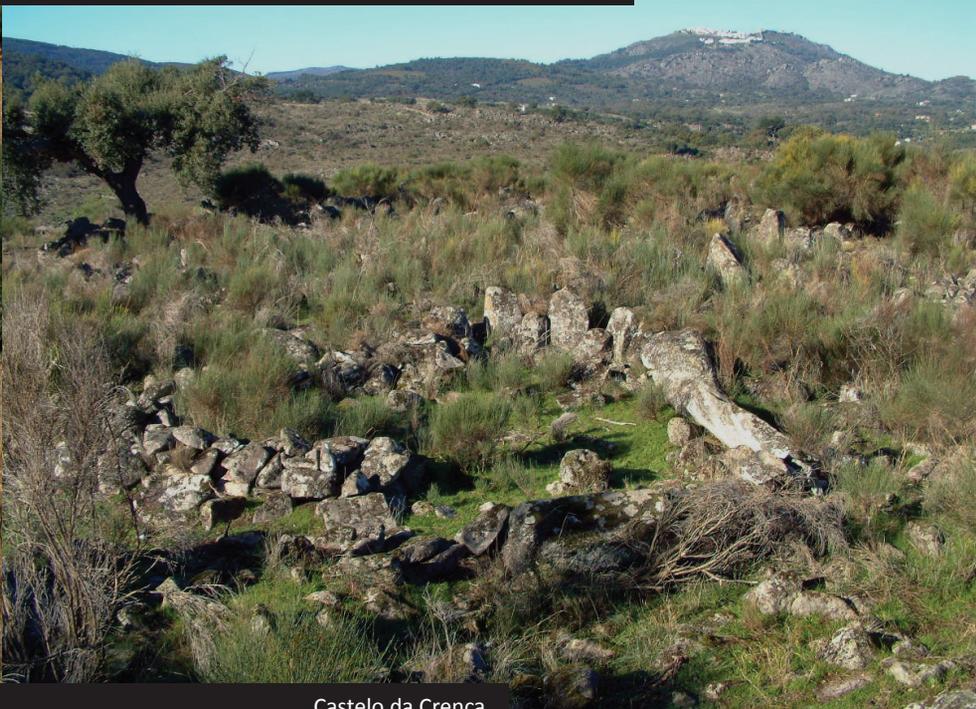
Menir dos Pombais



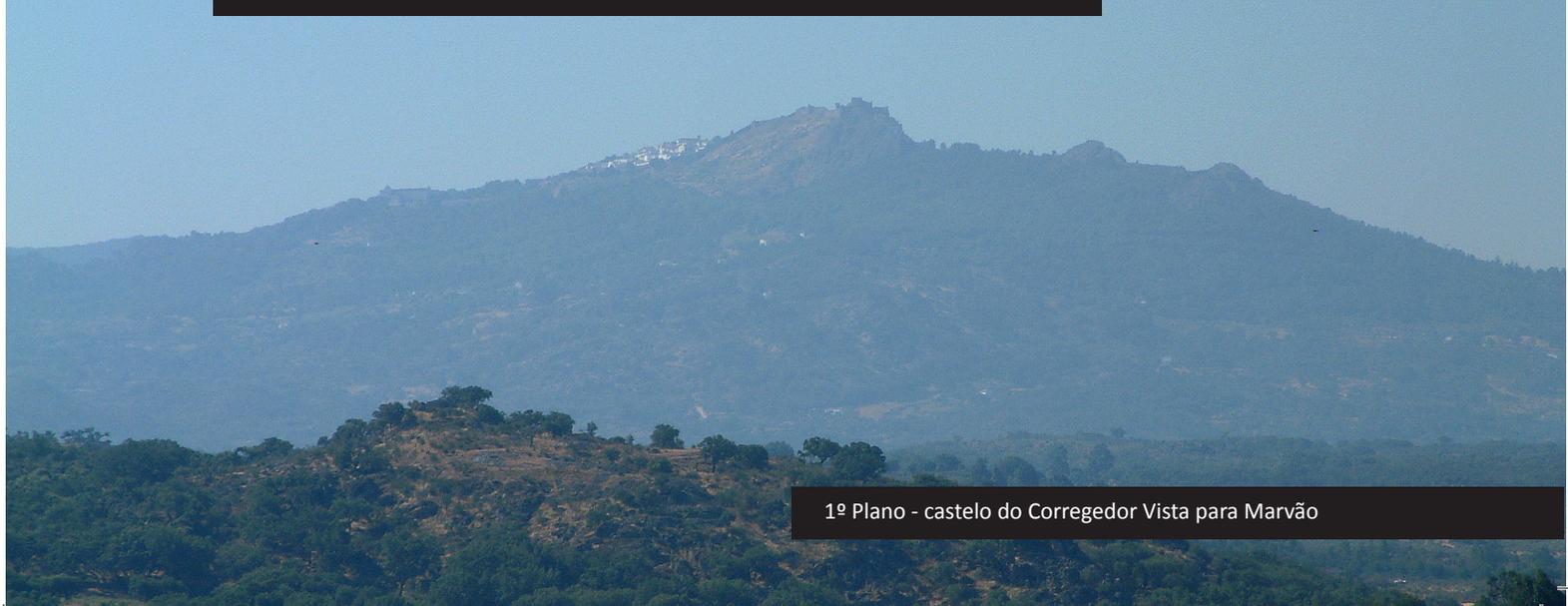
Povoado da Idade do Ferro de Vidais



Lagareta de Vidais



Castelo da Crença

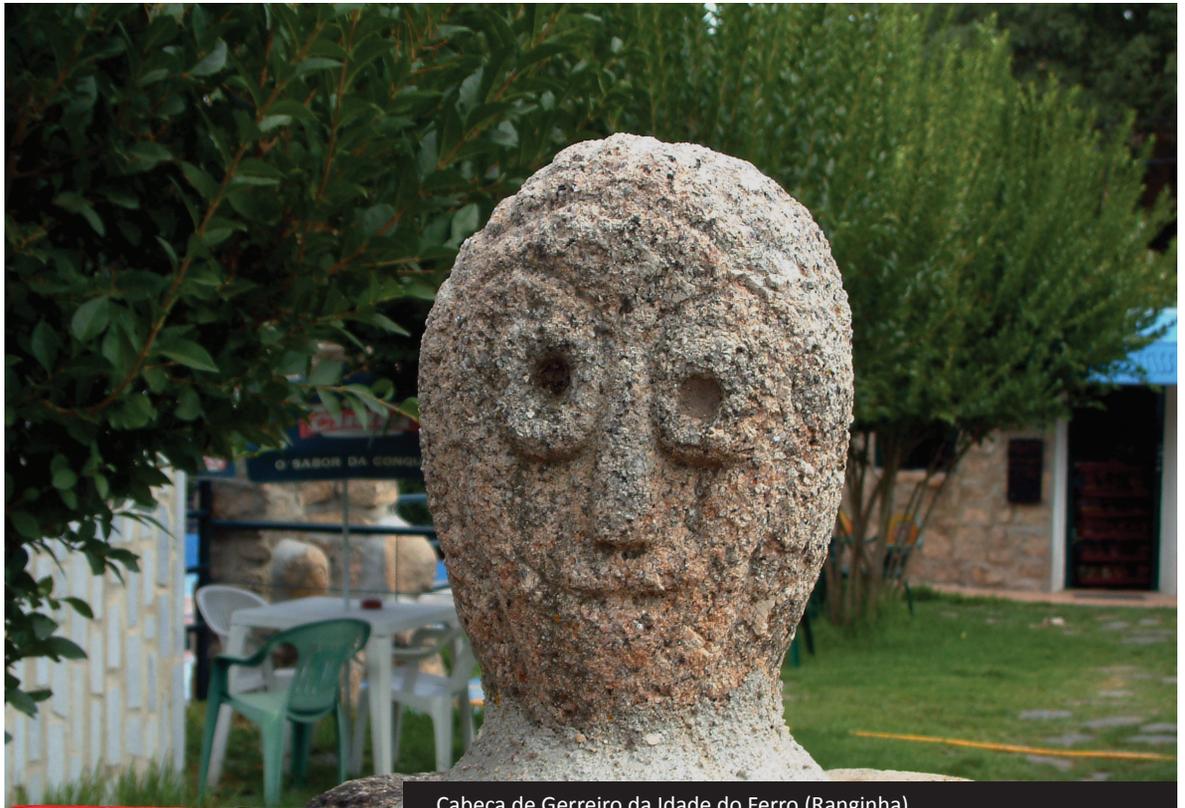


1º Plano - castelo do Corregedor Vista para Marvão

forma algo dispersa, ocupavam os pequenos vales desde a decadência do Império Romano, constituindo-se, assim, como um dos espaços fortificados mais importantes a Sul do Tejo, durante a Primeira Dinastia.

Passada a época conturbada da Reconquista, Marvão manter-se-á atalaia sobre a vizinha Castela, constituindo-se, acima de tudo, como um espaço militar. O povoamento da área imediatamente envolvente dependerá dos recursos naturais. A Sul, no vale da Aramenha, terras de barro, com boa aptidão agrícola e drenadas pelo rio Sever, pela ribeira do Porto da Espada e pela ribeira das Trutas, verão renascer, rapidamente, a sua economia. Os múltiplos moinhos e azenhas, de origem medieval, testemunham esse florescimento económico. Por aqui se passava a Espanha e aqui se cobravam os direitos d' El-Rei. Na zona de passagem natural, na base do penhasco coroado pela fortaleza de Marvão,

instalar-se-á a Portagem e a Alfândega de Marvão. Por aqui passava quem de, ou para Castela ia, e aqui pagavam os seus impostos. Nesta zona de passagem, ladeada pelos férteis terrenos do Prado, terras d' El-Rei, se explorava também a tão necessária cal. Nos finais da Idade Média, este vale seria já o grande centro económico do espaço que viria a conformar o actual concelho de Marvão.



Cabeça de Gerreiro da Idade do Ferro (Ranginha)

S. Salvador do Mundo de Aramenha, pequeno aglomerado urbano nascido das ruínas da velha Ammaia, remontrará à Idade Média, vivendo da castanha, do trigo, das trutas e dos múltiplos engenhos de moagem que ladeavam o principal curso de água. Ao fundo do Prado d' El-Rei, paredes meias com as caleiras, a meio caminho para Castelo de Vide, instalam-se os que da pedra caliça retiram a famosa cal. Aqui nasce, escondida entre a serra e o manto de castanheiros, a povoação da Escusa, terra de caleiros. Lá para as bandas da raia, no limite do fértil vale da Aramenha e exposto ao sol poente, o casario do Porto da Espada renascerá das ruínas duma *villa* romana. Daqui, de um pulo, se alcançava Castela. Do outro lado da serra, encostada à outra zona de passagem, as Penhas do Porto Roque, cresceu a povoação dos Galegos. Fronteiros à castelhana ermida e convento de S. Pedro da Ordem de Alcântara, reza a lenda que aqui se estabeleceram gentes do Norte, os Galegos. Tinham como missão ocupar terras até aí desabitadas e evitar que a linha de fronteira recuasse até ao rio Sever. Cedo conviveram mais com as gentes do outro lado da raia do que com as gentes de Marvão. Do comércio viviam e continuaram a viver.

Na falda norte da serra de Marvão, onde a vivência foi sempre mais difícil, o homem teve que aprender a roubar aos mantos de granito os vales onde o centeio e a cevada cresceram. Em curtos patamares, plantou oliveiras e, por entre as pedras, onde alguma erva teimava em crescer, apascentava cabras. Lá mais para as bandas de Espanha, o chão aplanar-se antes de tombar nas águas do Sever. Aqui, por entre pequenas manchas de sobreiros, alguns animais de criação completavam a economia destas gentes. Vivendo dos poucos recursos que a terra dava, desde muito cedo, pela Primavera, se juntavam as gentes em torno da ermida de S. Marcos, protector dos animais de cornos. Num curto planalto criado pelas areias que a chuva e o vento arrastaram lá mais de cima, construíram a pequena capela, onde ofereciam, em sacrifício simbólico, o mais lindo bezerro. Chegava Abril, era dia de S. Marcos, era o dia 25. Estavam a acabar-se as sementeiras e a esperança que a colheita fosse recompensadora levava as gentes, em festa, a reunir-se e a rezar. A feira era necessária. Era a altura para se guarnecerem com o que não tinham em casa. Os meses da fome aproximavam-se e só lá para o S. Miguel, em Setembro, quando as jornas estavam pagas e o grão no celeiro é que voltavam a reunir-se e a agradecer, desta vez a outro santo. Em torno da velha ermida de S. Marcos, uma a uma, as casas começaram a aglomerar-se. A ermida já era pequena para tanta gente. Construiu-se outra, lá mais para cima, no cabeço das areias, esta de invocação a Santo António. E a romaria também se mudou. Gradualmente, o centro do aglomerado reorganizou-se em torno da nova igreja. E do sítio de S. Marcos nasceu Santo António das Areias. Em torno da velha ermida, já nos finais do século XIX, construiu-se o cemitério. Na década de vinte deste século, o campo santo era já insuficiente. Abriu-se o novo, lá para os lados da Fonte do Condesso e, pouco tempo depois, as campas e a velha ermida deram lugar a novas casas, desaparecendo para sempre o primitivo templo de S. Marcos.

Até ao fim da Guerra da Restauração, o concelho de Marvão viveu em constante sobressalto. Primeiro, os episódios da Reconquista, depois a indefinição de fronteiras, mas a maior instabilidade viveu-se no pós-1640. As constantes escaramuças entre os dois países levaram a uma quebra significativa de população. Os campos foram abandonados. As manufacturas de panos que, desde os finais do século XV, se vinham instalando nas margens do Sever foram desactivadas. As populações rurais migraram para terras mais pacíficas. Toda a economia concelhia se ressentiu. Pacificada a fronteira, assiste-se ao retomar gradual da vida económica no concelho. Reflexo da política mercantilista do reinado de D. José, instalam-se, especialmente nas imediações da Portagem e ao longo do Sever, várias manufacturas-satélites da Fábrica Real de Portalegre. A extracção da cal, necessária à reconfiguração, sobretudo, de Portalegre e de Castelo de Vide, recebe um forte incremento. A população do concelho aumenta e os campos produzem o cereal, que é transformado nas várias dezenas de moinhos e azenhas que se estabelecem ao longo de todo o rio.

Em época de paz, assiste-se a um aumento populacional do termo, em detrimento da praça de Marvão. As freguesias de S. Salvador de Aramenha e de Santo António das Areias apresentam uma forte subida demográfica, enquanto as portas da praça fortificada vêm sair os seus moradores. Entre 1668 e 1758, a freguesia de S. Salvador quase que triplica a população e a de Santo António das Areias, de 1758 para 1864, quadruplica. Pelo contrário, os 1 980 habitantes que residiam em Marvão em 1527 baixam para 1 167, em 1758. Em 1 911 a freguesia de Santa Maria de Marvão, à qual se anexara, entretanto, a de S. Tiago, contava com 329 fogos, enquanto as de Santo António das Areias e S. Salvador de Aramenha subiam, qualquer das duas, para 634.

Com a construção do Ramal de Cáceres e da Estação dos Caminhos-de-Ferro, nasce uma nova povoação, a Beirã, constituindo freguesia na década de quarenta. Especialmente, durante a Segunda Grande Guerra, esta nova aldeia assiste a um rápido desenvolvimento. A principal ligação de Lisboa ao resto da Europa processava-se por aqui.



Passadeira sobre o Sever



Lajeado da AMMAIA

JJB



Poavoado Alto-Medieval da Patinha da Burra



JO | SP | JP

Sepultura Medieval

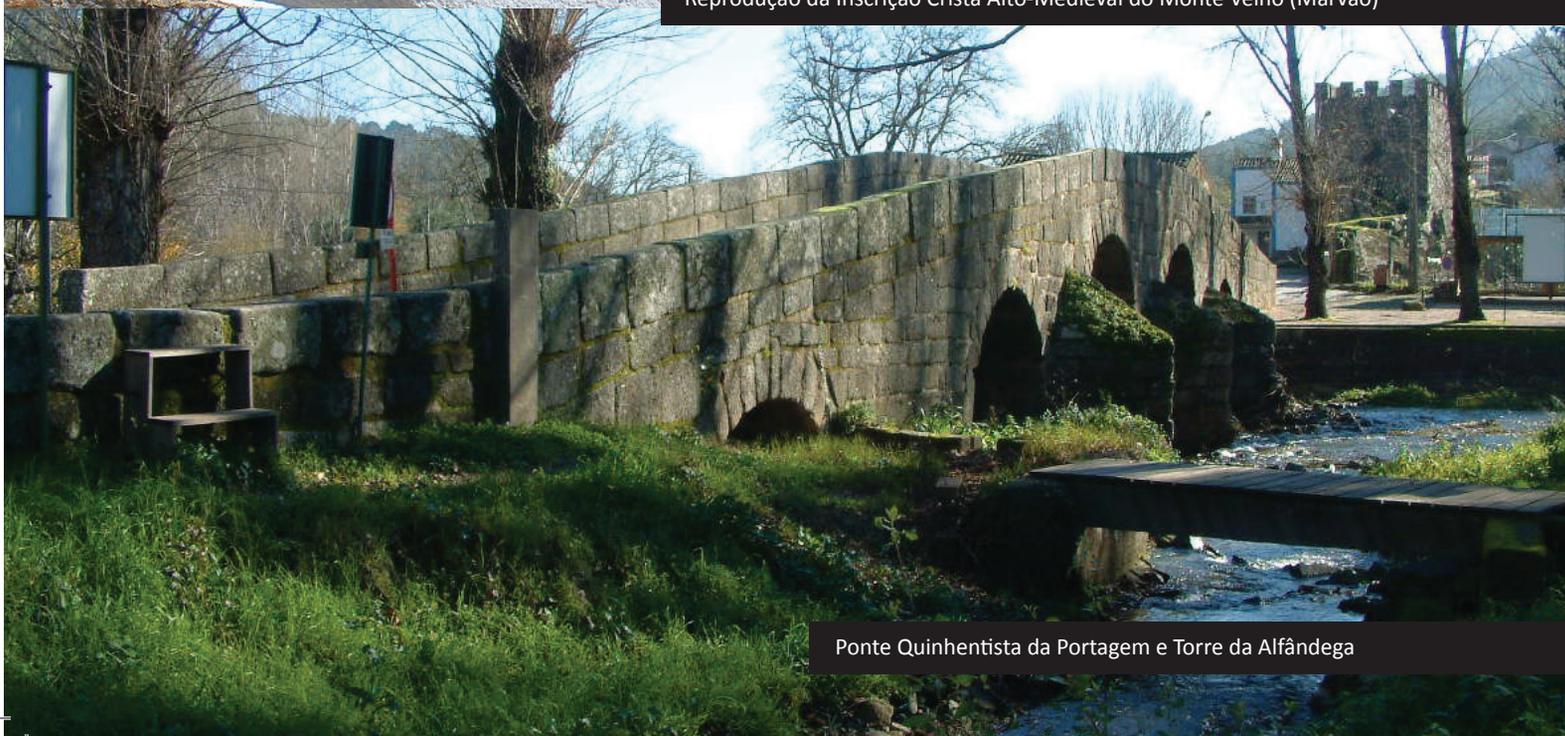


JO | SP | JP

Chafurdão



Reprodução da Inscrição Cristã Alto-Medieval do Monte Velho (Marvão)



Ponte Quinhentista da Portagem e Torre da Alfândega



Fonte Setecentista do Convento das Servas de Borba



Chaminé do Hospital da Cortina Sanitária - Herdade dos Pombais



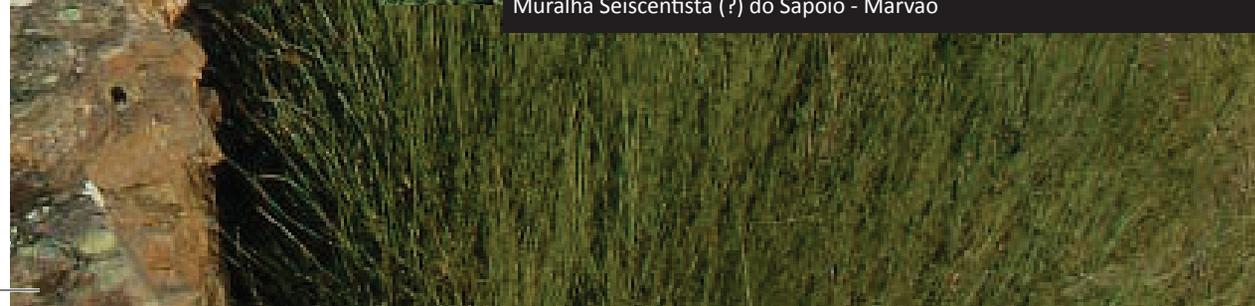
Estação da CP — Beirã Marvão. Azulejos de Jorge Colaço







Muralha Seiscentista (?) do Sapio - Marvão



A alfândega, as várias polícias e o pessoal dos Caminhos-de-Ferro aqui passam a residir. Quatro quilómetros para Norte, na Herdade do Pereiro, não muito longe das Águas Termais da Fadagosa, um grande complexo agrícola e transformador é instalado, criando-se nova povoação, só que privada. Mas, passados menos de cinquenta anos, sucumbe e quase que desaparece.

Na década de cinquenta, enquanto que Marvão se arruina, em Santo António das Areias instalam-se várias indústrias. Primeiro, as de conservas vegetais, depois as de chocolates e amêndoas e, por fim, as de calçado. Para aqui acorrem gentes de todo o distrito. Bairros sociais são construídos, o poder de compra aumenta e o comércio desenvolve-se. Do outro lado da serra, nas terras de Aramenha, a actividade agrícola mantém o normal ritmo, mas ressentindo-se com a fuga das gentes para as fábricas de Santo António.

Este fulgor industrial e comercial de Santo António das Areias mantém-se até meados da década de setenta. O principal mercado dos produtos fabricados nesta aldeia era o das colónias. Com a sua independência, uma a uma, as fábricas fecham, ou reduzem drasticamente a produção. O desemprego generaliza-se. Os que havia mais de duas gerações tinham chegado, agora partem e o comércio ressurte-se.

A aldeia da Beirã mantém, por mais dez anos, a sua estabilidade, assente nos serviços que a fronteira implica. Mas a entrada de Portugal para a União Europeia virá dar um forte abalo na economia desta freguesia. As fronteiras deixam de existir e os comboios, cada vez em menor número, também já não param. As gentes da Alfândega e da Guarda Fiscal desaparecem. E nas instalações da CP, semiabandonadas, a humidade e a podridão ocupam os lugares de primeira. Só ficam os velhos. Aqueles que ainda podem e sabem procuram emprego noutras paragens.

Do outro lado da serra, os que da agricultura vivem também se ressentem, mas resistem. Quem não resistiu às novas tecnologias foram os fornos de cal da Escusa. O cimento e as tintas já não fazem vender a cal branca e negra da Escusa. Desde a década de cinquenta que os fornos já não fumam.

Com o abrir das fronteiras, a aldeia de Galegos deixa de ser o grande entreposto comercial que a caracterizava. O contrabando já não existe. Os comércios, um a um, fecham.

Os vizinhos espanhóis, com o seu reforçado poder de compra, invadem, sobretudo aos fins-de-semana, os pequenos restaurantes que pululam ao longo das margens do Sever. Os euros vão ficando e o investimento reflecte-se nas novas construções que se aglomeram em torno da velha ponte da Portagem. Sítio aprazível, que já os romanos procuraram, gradualmente transforma-se no novo centro do concelho. No verdejante Prado d'El-Rei e que depois foi de Iria Gonçalves, mãe de D. Nuno Álvares Pereira, a pastagem dos animais deu lugar a um campo de golfe, que hoje aguarda por novos investimentos.

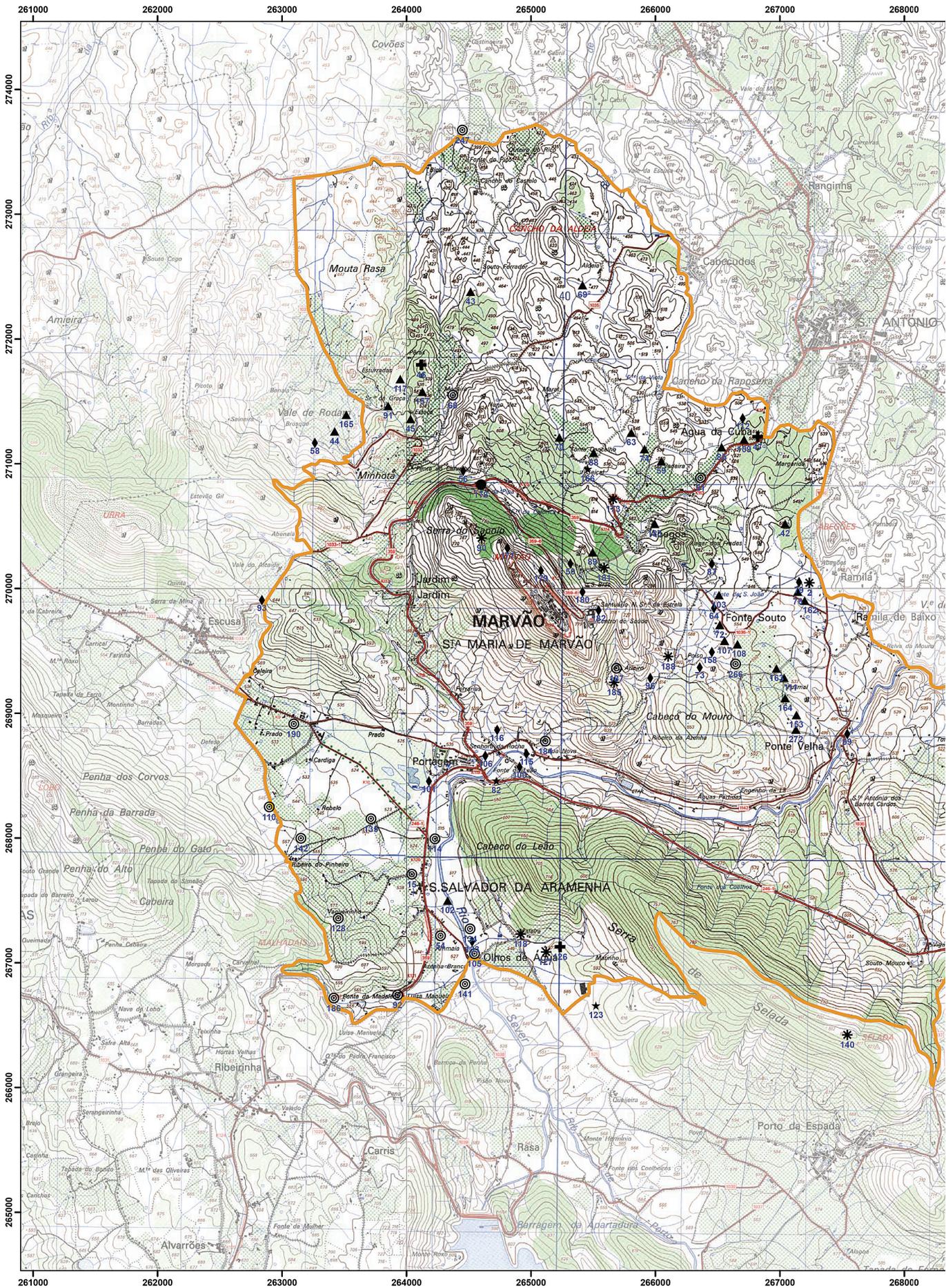
A cal, os bezerros de S. Marcos, os comboios da Beirã, as águas da Fadagosa, os panos da Portagem, as conservas de Santo António, ou as lanças afiadas por entre as ameias já não existem. Agora, o concelho vive dos serviços, da pequena agricultura e, sobretudo, do turismo.

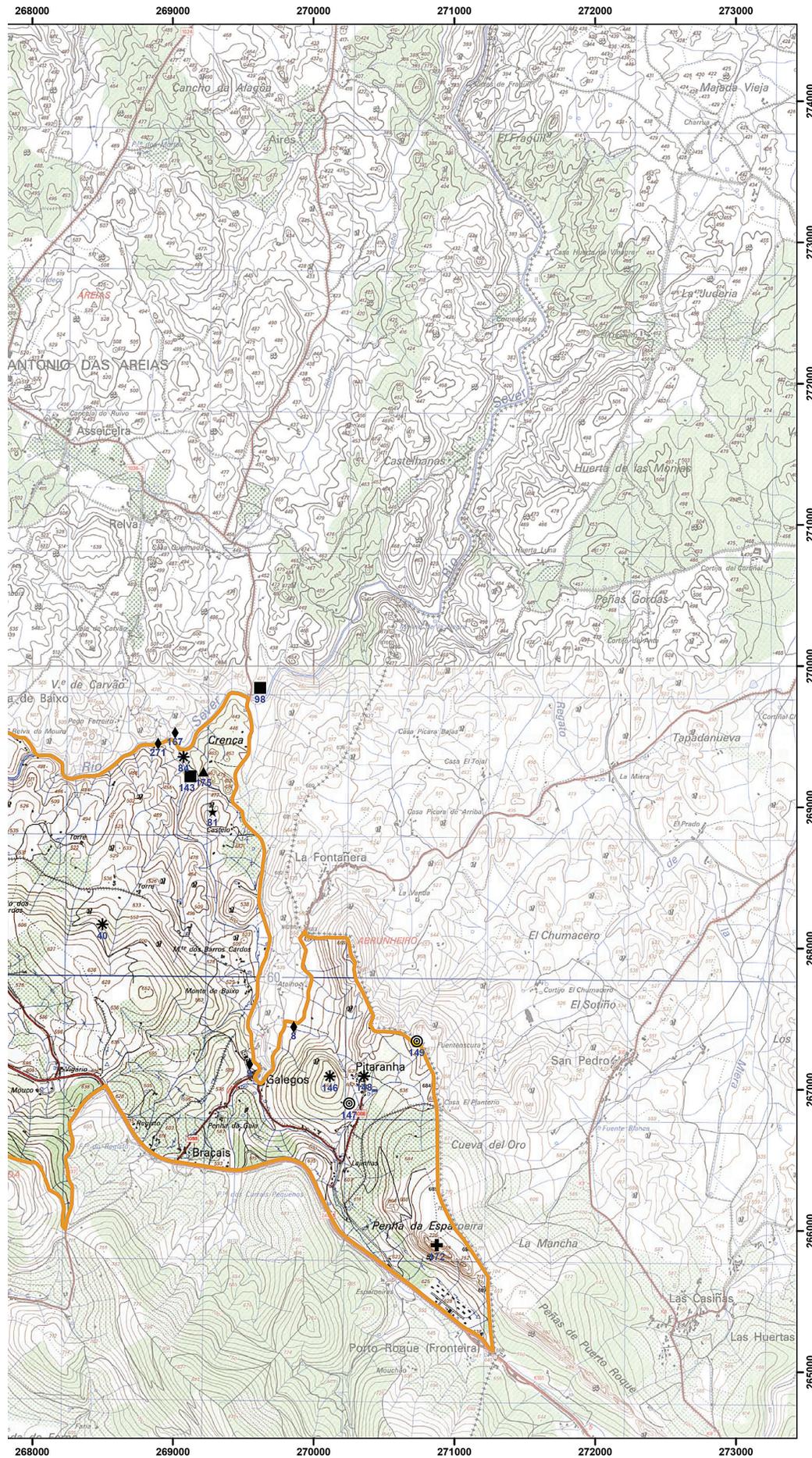
E Marvão, lá de cima do reluzente penhasco, assiste, tranquilamente, ao seu concelho em mudança. Tudo muda, tudo se transforma, mas Marvão, por cima de todos, mantém-se, com o seu casario branco espreitando o Sol por detrás das cinzentas muralhas.









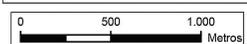


Testemunhos Arqueológicos na área envolvente de Marvão

Concelho de Marvão

Legenda

- Zona de Protecção
- Sítios Arqueológicos**
- Cronologia**
- ▲ Alta Idade Média
- Contemporânea
- ★ Ferro - Romano
- ◆ Idade Média - Moderna
- * Indeterminada
- ✚ Neolítico / Calcolítico
- Paleolítico
- ◎ Romano



1:25.000

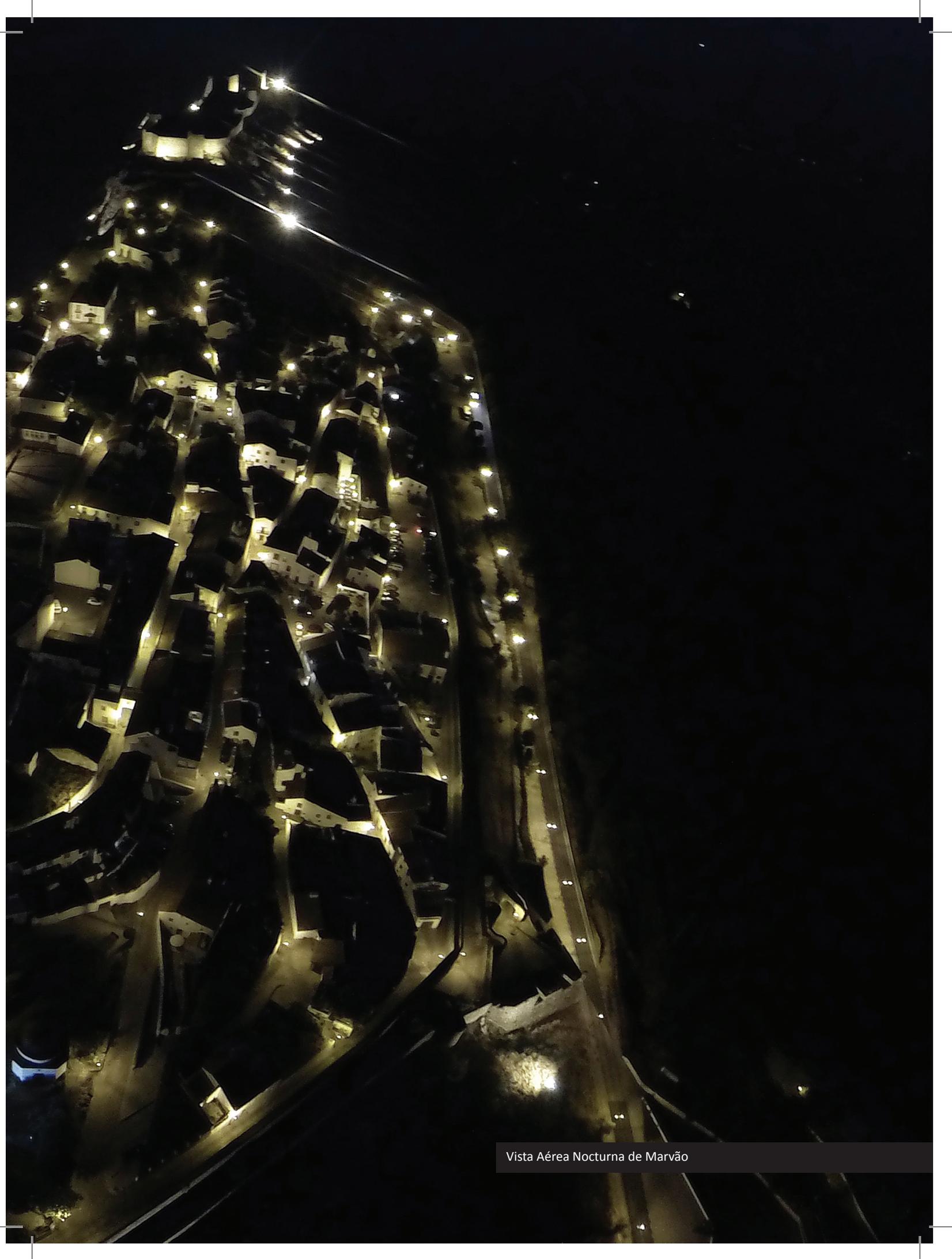
Bibliografia

- ALMEIDA, Nelson (2002). “Pré-História antiga no Nordeste Alentejano”. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 12, 185-197.
- ARRAIS, Frei Amador (1589-1974). *Diálogos de Frei Amador Arrais*. Introdução e Revisão de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello e Irmão editores (1974), (Cap. X, 114-3 / 115-1), pp. 241-242.
- ARRUDA, A. M. e CATARINO, H. (1981). “Nota acerca de alguns materiais da Idade do Ferro do complexo arqueológico dos Vidais (Marvão)”. *Clio*. Lisboa, vol. 3, pp. 183-188.
- CARDOSO, Pe. Luiz (1751). *Dicionário Geográfico ou Notícia Histórica*. Lisboa. Tomo II.
- CARNEIRO, André (2002). “O fim do império e a cristianização no território da civitas ammaiensis: mudança e continuidade no concelho de Fronteira”. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 12, 135-157.
- COELHO, Possidónio M. Laranjo (1924/2001). “Terras de Odiana – Subsídios para a sua História Documentada”. Edição fac-símile da edição de 1924. Introdução de António Ventura. *Ibn Maruán* (edição especial). 11.
- DIAS, Ana C.; OLIVEIRA, Jorge de (1981). *Monumentos Megalíticos do Concelho de Marvão*. Assembleia Distrital de Portalegre. Portalegre.
- ESPINO, David M. Duque (2002). “Aproximación a la evolución del paisaje vegetal neolítico de la cuenca del rio Sever, a partir de los datos antracológicos preliminares de varios monumentos megalíticos”. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 12, pp. 199-230.
- FERNANDES, Isabel Cristina; MENDES, J. Caria (1985). “Alguns dados bioantropológicos da estação arqueológica dos Pombais (Marvão)”. *Arquivo de Anatomia e Antropologia*. Lisboa. Instituto de Anatomia Normal. Vol. XXXIX, pp. 221-233.
- FERNANDES, Isabel Cristina (1985 b). “Espólio da necrópole dos Pombais (I)”. In *Actas das 1^{as} Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*. Castelo de Vide (1985), pp. 101-116.
- FERNANDES, Isabel Cristina; OLIVEIRA, Jorge de (1995). “Os mosaicos romanos do Garrianchos (Beirã-Marvão)”. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 5, pp. 13-23.
- FERNANDES, Lídia Maria Marques (2001). “Capitéis romanos de Ammaia (S. Salvador de Aramenha – Marvão)”. *O Arqueólogo Português*. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Série IV, 19, pp. 95-158.
- FREIRE, José Galdes (1982). “Mulher de Amaia curada em la Rioja (Castela)”. *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*. 4, Abril, p. 42.
- GUERRA, Amílcar (1995). *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Coleção Arqueologia & História Antiga. Lisboa: Edições Colibri, pp. 42, 43, 138 e 139.
- GUERRA, Amílcar (1996). “Ammaia, Medobriga e as ruínas de S. Salvador de Aramenha: dos antiquários à historiografia actual”. *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*. 11, pp. 7-32.
- IMPORTANTES DESCOBERTAS (1979). “Importantes descobertas no povoado da Idade do Cobre de Vidais (Marvão)”. *Clio*. Lisboa, 1, pp. 178-9.
- JALHAY, Eugénio (1947). “Epigrafia amaiense. Contribuição para o estudo da Aramenha romana (concelho de Marvão)”. *Brotéria*. Lisboa. XLV, 6, pp. 615-633.
- LEÃO, Duarte Nunes de (1758). *Descrição do Reino de Portugal*. Lisboa: Of. De Simão Thadeo Ferreira. Cap. 4.
- MACHADO, J. L.; GORJÃO, Sérgio (1993). “O actual concelho de Marvão e suas freguesias nas memórias paroquiais de 1758”. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 3, pp. 51-83.
- MANTAS, Vasco Gil (2000). “A sociedade luso-romana do município de Ammaia”. In *Sociedade y Cultura en Lusitania Romana – IV Mesa Redonda Internacional*. Mérida: Série Estudos Portugueses, pp. 391-419.
- Idem (2002). “Libertos e escravos na cidade luso-romana de Ammaia”. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 12, pp. 49-68.
- Idem (2003). “Novidades epigráficas de Ammaia (S. Salvador de Aramenha, Marvão)”. In *Au Jardin des Hespérides. Histoire, Société et épigraphie des mondes anciens*. Mélanges offerts à Alain Tranoy, pp. 87-105.
- OLIVEIRA, Jorge de; DIAS, Ana C. (1980). “Arqueologia em Marvão”. In *13.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Lisboa.
- OLIVEIRA, Jorge de (1985). “O menir da Água da Cuba – Marvão”. In *Actas das 1.ºs Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*. Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Castelo de Vide. Portalegre.
- OLIVEIRA, Jorge de; BALESTEROS, Carmen (1989). *Levantamento Arqueológico da Barragem da Apertadura*. Câmara Municipal de Marvão. Portalegre.
- OLIVEIRA, Jorge de (1990). “Aspectos do megalitismo no nordeste alentejano”. In *Atas do 1.º Encontro Regional de História*. Évora: Universidade de Évora.
- Idem (1991). “A estátua romana da Escusa (Aramenha – Marvão)”. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 1, pp. 85-96.
- Idem (1992). “A Anta dos Pombais – Marvão – notas de escavação”. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 2.

- Idem (1993). “O rio Sever e as fronteiras no 3.^o milénio a.C.”. In *Actas do Seminário Cooperação e Desenvolvimento Transfronteiriço*. Câmara Municipal de Vila Velha do Ródão.
- OLIVEIRA, Jorge de; CUNHA, Susana S. (1993-4). “A cidade romana de Ammaia na correspondência entre António Maçãs e Leite de Vasconcelos”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, vols. XI-XII, pp. 103-134.
- OLIVEIRA, Jorge de (1996). “Cidade da Ammaia (Marvão)”. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 6, pp. 15-22.
- OLIVEIRA, Jorge de; BAIRINHAS, António; BALESTEROS, Carmen (1996). “Inventário dos vestígios arqueológicos do Parque Natural da Serra de S. Mamede”. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 6, pp. 43- 61.
- OLIVEIRA, Jorge de (1998). *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*. Lisboa: Ed. Colibri.
- Idem (1998 b). “Antas e menires do concelho de Marvão”. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 8, pp. 13-47.
- OLIVEIRA, Jorge de; CUNHA, Susana S.S.S. (1998). “O complexo arqueológico de Vidais na correspondência trocada entre António Maçãs e Leite de Vasconcelos”. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 8, pp. 57-85.
- OLIVEIRA, Jorge de; BORGES, Sofia (1998). “Arte Rupestre no Parque Natural da Serra de S. Mamede”. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 8, pp. 193-202.
- OLIVEIRA, Jorge de; CARVALHO, J. e BORGES, S. (1998). *Cidade Romana de Ammaia*. (Brochura). Região de Turismo de S. Mamede, Corlito, Setúbal.
- OLIVEIRA, Jorge de (1999). “Cidade romana de Ammaia, S. Salvador de Aramenha, Marvão, Portugal”. In *II Congresso de Arqueologia Peninsular*. Zamora: Universidade de Alcalá. Tomo IV, pp. 129-134.
- OLIVEIRA, Jorge de (2002). “A cidade romana de Ammaia, documentos para a sua história recente”. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 12, pp. 11-48.
- OLIVEIRA, Jorge de [et al.] (2005). “São Salvador da Aramenha. História e Memórias da Freguesia”. Jorge de Oliveira (Coord.). *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão e Junta de Freguesia de S. Salvador da Aramenha. 13.
- OLIVEIRA, Jorge de; PEREIRA, S.; PARREIRA, J. (2007). “Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão”. *Ibn Maruán*, n.^o especial, Colibri/C.M. de Marvão.
- OLIVEIRA, Jorge de (ed.) (2012). *O Foral Manuelino de Marvão*. Câmara Municipal de Marvão.
- PAÇO, Afonso do (1948). *Epigrafia Amaiense*. Monografia oferecida à Academia de Ciências. Boletim da Academia de Ciências de Lisboa. Março, pp. 30-31.
- Idem (1953). “Carta arqueológica do concelho de Marvão”. *Actas do XIII Congresso Luso-Espanhol Para O Progresso Das Ciências, Lisboa (1950)*. 7.^a secção. Lisboa. Ciências históricas e filológicas. Associação para o Progresso das Ciências, pp. 93-127.
- Idem (1953 b). “Populações Pré e Proto-Históricas do concelho de Marvão”. In *XVI Congrès International de Géographie*. Lisboa.
- PAÇO, Afonso do; ALMEIDA, (D.) Fernando de (1962). “Duas inscrições romanas inéditas do Museu de Marvão”. *Revista de Guimarães*. Guimarães. Vol. LXXII.
- PATROCÍNIO, Manuel F. S. do (1995). “A cabeça zoomórfica do Museu Municipal de Marvão”. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 5, pp. 25-39.
- PEREIRA, Sérgio [et alii] (2000). “Numismática ammaiense: notas preliminares”. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 9-10, pp. 55-70.
- PEREIRA, Sérgio (2002). “Dois depósitos monetários encontrados na Porta Sul (Ammaia)”. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 12, pp. 99-134.
- Idem (2002 b). “A cabeça antropozoomórfica da Quinta do Leão”. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 12, pp. 169-184.
- PEREIRA, Sérgio (2009). “A Cidade Romana de Ammaia”. *Ibn Maruán*, n.^o especial, C. M. de Marvão/Colibri.
- REI, António (2002). “Târiq ibn Ziyâd e o seu exército em Almeida e na Cidade de Ammaia (Marvão) em finais de 711 - inícios 712”. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 12, pp. 159-167.
- REI, António (1998). “O nordeste alentejano nos geógrafos árabes”. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 8, pp. 247-250.
- SIDARUS, Adel (1991). “Amaia de Ibn Maruán: Marvão”. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 1, pp. 13-26.
- SOTTO MAIOR, Diogo Pereira de (1616/1984). “Tratado da Cidade de Portalegre”. Introdução Leitura e Notas de Leonel Cardoso Martins. Maia: INCM-Câmara Municipal de Portalegre: (Reedição da edição de 1619).

Nota: O presente texto, pontualmente atualizado, foi inicialmente produzido para incorporar, em 1999, o *dossier* do primeiro processo de candidatura de Marvão a Património Mundial. Face à profunda censura a que foi sujeito pela coordenação dessa candidatura, foi por nós retirado do referido *dossier*.





Vista Aérea Nocturna de Marvão

Colibri – Artes Gráficas

Apartado 42 001
1601-801 Lisboa

Tel: 21 931 74 99

www.edi-colibri.pt
colibri@edi-colibri.pt